

Um livro só com palavras

O João nunca dera qualquer importância àquela placa na parede, junto à primeira porta de um dos corredores que davam acesso às salas de aula. E todos os dias ali passava. Mas hoje, de saída pelo corredor e sem razão aparente, algo parecia tentá-lo a abrir a porta e descobrir o que houvesse para além dela. Abrandou o passo deixando passar os outros colegas que se apressavam para sair depois das aulas terminadas. Parou um pouco antes e leu a palavra escrita na placa. Olhou para o puxador da porta e, decidido, avançou.

Com algum cuidado, como se não quisesse fazer barulho, rodou o puxador e lentamente entreabriu a porta o suficiente para passar com a cabecita e poder espreitar. Dali conseguiu ver a sala toda de uma vez só. Então isto é que é a biblioteca, pensou o João à medida que percorria com o olhar as paredes cheias de livros nas prateleiras. Os pais também tinham alguns livros na estante da sala lá de casa, mas isto era outra coisa. Nunca tinha visto tanto livro junto!

“Interessado?” questionou uma voz mesmo por trás dele. O sobressalto foi tal que o menino estremeceu para logo recuar para o corredor.

“Que susto professora!” Era a professora Anabela, responsável por tudo o que dizia respeito à biblioteca.

“Não queria assustar-te, mas pareceu-me que estavas mesmo curioso acerca desta sala. Queres entrar?”

O João fora apanhado de surpresa e quase sem pensar confirmou com a cabeça. Lá dentro pôde verificar a presença de um menino que copiava algo para o seu caderno, com o livro aberto ao lado e mais dois empilhados na mesma mesa. Mais ao fundo, uma menina recostada na cadeira lia um livro aberto entre as mãos. Era a sua amiga Joana, que ao vê-lo lhe acenou para depois continuar a sua leitura. O menino seguiu a

professora até à sua mesa onde praticamente só existia o computador, e sentaram-se.

“Então que achas deste espaço?” perguntou baixinho Anabela. Na biblioteca não se podia fazer barulho para não perturbar quem estava a ler ou a fazer trabalhos de casa.

“Bom, livros não faltam... São mesmo precisos estes livros todos?” sussurrou o João.

“Claro! Estes livros podem ajudar-vos a estudar, a conhecerem mais coisas sobre várias matérias que vão aprendendo nas aulas. Podem ser sobre ciências, história, literatura... E depois ainda há os livros que não são para estudar. São os livros que só nos contam uma história. É por isso que precisamos de ter muitos.”

O João pensou um pouco a olhar para as prateleiras sem fim. “Hummm... Pensei que só tinham os livros de estudo. Os outros... bem, os outros só têm texto, professora, são uma seca.”

A professora Anabela sorriu como se já esperasse um comentário daquele género. “Aposto que nunca te deste ao trabalho de tentar ler um desses, certo?”

O silêncio do João confirmou o que a professora já tinha adivinhado. Nunca lera nenhum daqueles. Tanta folha, só palavras e mais palavras. E respondeu finalmente: “Mas leio muitos de banda desenhada!”

“Ah, esses também são importantes e também temos aqui uma boa coleção. Não têm tantas palavras para ler, é verdade, mas têm os desenhos que são a parte que no fundo nos conta a história. Mas a história de um livro só com palavras é muuuito diferente!”

O João não estava a perceber porque era assim tão diferente, e perguntou: “Mas então não ficamos sempre a perceber a história, professora? Tanto numa banda desenhada como num livro normal?”

“Claro que sim. Mas num livro só com palavras acontece algo de especial.” Agora é que o menino ficou mesmo sem entender. E a professora continuou: “Ainda tens tempo? Podemos fazer uma experiência?”

O João disse que sim e a professora Anabela foi a uma das estantes e trouxe um livro que lhe mostrou. Era uma história de aventuras que tinha lugar há muitos muitos anos atrás, e o personagem principal era um herói que ainda usava arco e flecha e se chamava Robin dos Bosques!

Anabela abriu o livro numa página à sorte e desfolhou ainda algumas outras.

“Aqui. Começa a ler aqui,” indicou com o dedo, “e basta leres só três folhas, está bem? Eu vou tratar de arrumar alguns livros enquanto tu acabas.” E afastou-se para deixar o menino sossegado.

O João começou a leitura. O início falava do amanhecer fresco na floresta, onde a humidade fazia com que Robin e os companheiros se enroscassem ainda mais nas suas mantas grossas para dormitarem mais um pouco. Fora da cabana de madeira soprava um vento leve e fresco que ia abanando as copas das árvores. O João continuou a ler aquele parágrafo quase sentindo a aragem a gelar-lhe a pele e os pingos frios que caíam pelo abanar das folhas. Conseguia mesmo ver a névoa húmida à sua volta. Na página seguinte, leu sobre a manhã que já ia adiantada e os preparativos para acender uma fogueira onde o grupo de personagens pretendia cozinhar a caça que alguns iriam apanhar. Enquanto lia, o menino ouvia o partir dos paus que eles juntavam para pôr a arder. Já com o lume ateado, sentiu a madeira a estalar com as chamas que a queimavam e até o seu rosto começava a aquecer. Até parecia que estava ali junto deles. A continuação do texto contava como estava a decorrer a saída para caçar, dos perigos na floresta e cuidados que deviam ter por exemplo com os javalis. Sentiu então o silêncio que se fez quando todos pararam a marcha para perceberem donde vinha o barulho de uma animal a correr. Um javali perigoso surgiu correndo em direção ao grupo. João apenas ouviu o assobiar das flechas que pareciam passar rentes aos seus ouvidos.

“João. João...” sussurrou a voz da professora Anabela. O menino estremeceu. Não, não era nenhum personagem do livro que falava, era mesmo a professora. “Então? Queres ficar aqui para amanhã?” perguntou a brincar. “Estavas tão absorvido pela história que nem reparaste que os

teus colegas já saíram. Pois, está na hora de fecharmos.” E continuou, “E sobre a leitura? Que achaste?”

“Bem, professora, realmente foi diferente este livro. Estava tão distraído a ler que até parecia que sentia o frio da manhã, até me parecia ouvir os pássaros a chilrear. Para não falar quando dispararam as setas, parecia que estavam junto a mim.”

“Ora vê... É isso que tem de especial um livro só com palavras. Quando comesças a ler é como se ligasses um interruptor, a tua imaginação começa a trabalhar e acaba por ser uma das partes mais importantes. Com ela a funcionar consegues sentir o ambiente onde se passa a história. No fundo é como se passeasses dentro de um filme, nos diversos locais, entre os vários personagens. Não é fixe?”

“É mesmo professora! Tinha razão. A biblioteca é um local importante! Acho que vou voltar de vez em quando para ler este livro desde o início.”

O João olhou à volta e sorriu ao pensar na quantidade de histórias incríveis que deviam estar naquelas prateleiras. E saiu da sala com a professora Anabela a imaginar os sítios fantásticos que iria descobrir da próxima vez que voltasse.